



## 21. ENCONTROS DE COMPANHIAS DE REIS COMO RESISTÊNCIA CULTURAL

### SESSÃO - 02

Weber Reis\*

#### Resumo

Com a entrada das bandeiras pelo interior paulista, colonos, imigrantes de origem portuguesa, adentraram as matas seguindo o caminho aberto pelos Bandeirantes, chegando à região noroeste paulista, trazendo a devoção cristã aos Reis Magos, manifestada através das Folias de Reis. Como comprova BRANDÃO (1983). Com o processo de transformação econômica, os hábitos culturais caipiras sofreram transformações e as manifestações das folias de reis começaram a desaparecer na região noroeste paulista, com raros focos de resistência, hoje denominadas Companhias de Reis. Em pesquisas de campo, objetivando a cultura caipira, entrevistei mestres de companhias em três encontros de companhias de reis e pude ser testemunha de resistência cultural.

Os encontros de companhias de reis são focos de resistência, onde companhias isoladas em diversos municípios da região se encontram para o fortalecimento da fé cristã em Santos Reis, reavivando em vários destes municípios as festas de Santos Reis e saídas de bandeiras, que até então estavam se tornando extintas.

**Palavras-chave:** Cultura caipira; Folia de Reis; encontros de Companhias de Reis

#### Resumen

Con las entradas de las banderas de São Paulo, los colonos, los inmigrantes de Portugal, adentraron en las matas siguiendo el camino trazado por los Bandeirantes, llegando a la región de lo noroeste paulista, llevando la devoción cristiana a los Reyes Magos, manifestado en “Folias de Reis”. Como prueba Brandão (1983). Con el proceso de transformación económica, los hábitos culturales caipiras han sufrido transformaciones y las manifestaciones de las folias de los reyes comenzaron a desvanecerse en la región noroeste de São Paulo, con algunos focos de resistencia, llamadas hoy “Companhia de Reis”. En búsqueda de campo, destinado a la cultura caipira, entrevisté maestros de “Companhias” en tres encuentros de “Companhias de Reis” y pude ser testigo de la resistencia cultural.

Los encuentros de las “Companhias de Reis” son focos de resistencia, donde “Companhias” aisladas en diversos condados de la región se encuentran para lo fortalecimiento de la fe cristiana en Santos de Reis, reavivando en varios de los condados las fiestas de los Santos de Reis e salidas de las banderas, que hasta entonces estaban se tornando extintas.

**Palabras clave:** Cultura caipira; Folia de Reis; encuentros de Companhias de Reis

\* Weber Reis é Bacharel em Artes Cênicas, formado pela UNICAMP e mestrando em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP. Nasceu a 14/10/1965 em São José do Rio Preto-SP e cresceu em José Bonifácio-SP, onde desenvolveu a pesquisa de campo que possibilitou este trabalho. Como ator e diretor de teatro desenvolveu vários trabalhos embasados na cultura caipira.



### **Apresentação**

Os Encontros de Companhias de Reis, no município de José Bonifácio, na região Noroeste Paulista, apresentam-se como resistência cultural remanescente das Folias de Reis, manifestação popular na fé cristã, trazidas à região pelos primeiros colonos europeus, em devoção aos Três Reis Magos e a Sagrada Família (Menino Jesus, Maria e José), observando o Evangelho de São Mateus (capítulo II, versículo de 1 a 12).

“Por “Folia de Reis” entendo os cortejos de caráter religioso popular, que se realizam em vários estados do Brasil, entre o Natal e a Festa de Reis (6 de janeiro), reproduzindo idealmente a viagem dos Magos a Belém, para adorar o Menino Jesus”, (PORTO, 1982, p.13).

As Folias de Reis se apresentam em diferentes regiões do país. Em cada uma delas com características específicas, mas todas com um mesmo fundamento cultural religioso cristão, a visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus na manjedoura. Elas são constituídas, geralmente, por um cortejo de músicos instrumentistas, bandeireiro e a figura do Palhaço, também chamado de Coronel.

Em Mossâmedes-GO, Carlos Rodrigues Brandão, registra Folias de Reis que apresenta um único palhaço em sua formação. Guilherme Porto, no sul de Minas Gerais, registra que na maioria

são dois Palhaços. Já nos Arturos-MG, Nubia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira registram a participação de três Palhaços denominados Véio, Friage e Bastião.

Os músicos instrumentistas, além da formação do coro, apresentam viola caipira, violão, caixa (uma espécie de surdo/tambor) e pandeiro, podendo ainda apresentar rabeca, violino, flauta transversal e clarineta, entre outros instrumentos musicais, dependendo da região onde está inserida. As músicas são de cunho popular, apresentando partes fixas, que são repetidas, e partes que são improvisadas pelo músico da primeira voz, chamado de Primeiro Mestre ou Mestre.

O Bandeireiro é responsável por levar a Bandeira, com a estampa da Sagrada Família e dos três Reis Magos, a frente da folia, tendo a função de recolher os donativos ofertados pelos devotos.

Os Cortejos das “Folias de Reis”, se desenvolvem com visitas as casas dos devotos de Santos Reis, levando a Bandeira a frente, seguida dos Palhaços e do Coro de Músicos. Nas casas em que são recebidas, executam cantos ritualísticos de agradecimento e louvor aos três Reis Magos. e atendem a pedidos de intenções feitos pelos devotos que os recebem.

A origem das “Folias de Reis”,





são obscuras. Não se é preciso o início destas manifestações populares no Brasil. Sabe-se que surgiu entre os primeiros colonos de origem católica no país, provavelmente portugueses. Mas ainda não se apresentou estudos detalhados que comprovem esta afirmação.

“É um tanto obscura e certamente remota a origem das folias. Nos países ibéricos, de onde provavelmente nos veio a tradição, esses cortejos existem desde tempos imemoráveis. A maioria dos estudiosos concorda sobre a origem ibérica ou, pelo menos, europeia das Folias de Reis.” (PORTO, 1982, p.14)

### *Processo metodológico*

No processo de estudos de pós-graduação do Mestrado em Artes, trabalhei com estudos da Cultura Caipira e sua formação sócio-econômica e cultural, realizando pesquisas de campo e bibliográfica sobre o tema. Para o início destes estudos, elenquei elementos da cultura caipira, entre eles as manifestações populares religiosas das Folias de Reis.

Dei início as pesquisa de campo dos estudos de pós-graduação pelo “Encontro de Companhias de Reis da Vila de Santa Luzia”, em 30 de abril de 2007, município de José Bonifácio, na Região Noroeste Paulista. Neste município, participei de mais de 13 cortejos, chamados de saídas com a bandeira, acompanhando a “Companhia de Reis Irmãos Florêncio” e algumas com a “Companhia de

Reis Popular de José Bonifácio”, além de três “Festas de Reis” e três Encontros de Companhias de Reis. Registrei mais de 10 fitas cassetes de gravações de entrevistas com senhores de Companhias de Reis e devotos de Santos Reis, de José Bonifácio e de outros municípios da região.

Desenvolvi pesquisa bibliográfica que apresentaram elementos da formação da cultura caipira, seu processo histórico de colonização, e seu processo de transformação sócio-econômica e sistema de produção. Desenvolvi estudos bibliográfica específico sobre as manifestações populares das Folias de Reis,

Diante os dados recolhidos, pude testemunhar um processo de resistência cultural remanescente das Folias de Reis na Região Noroeste Paulista.

### *1. Formação da Cultura Caipira*

Os pioneiros da “cultura caipira” são originalmente o resultado do confronto da cultura europeia com a cultura indígena após a passagem dos Bandeirantes. Tendo os Bandeirantes adentrado a mata virgem do interior paulista, seguindo pelas águas do rio Tietê que corta todo o interior do estado, deram passagem para colonos europeus buscarem terras para o plantio e a criação de gado, suínos e aves domésticas, base de sua economia de subsistência. As terras paulistas de então estavam cobertas por





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

densa floresta e habitada por indígenas, verdadeiros donos da terra diante aos olhos de Deus, e bravos guerreiros. Os colonos europeus, de origem portuguesa em sua extrema maioria, tiveram que derrubar a mata, através de queimadas, construir suas palhoças, constituir suas roças e enfrentar com suas armas os indígenas expulsando-os para dentro das matas mais distantes. No entanto, o confronto não permaneceu no distanciamento das duas culturas, tiveram sim a supremacia da cultura europeia, mas ocorreu a miscigenação entre as duas raças.

Logo após os primeiros “caipiras” vinham os senhores fazendeiros atrás das terras já desbravadas pelos colonos que eram analfabetos e ignorantes de qualquer direito legal, se é que havia leis por aqui. Desejosos das terras dos colonos, os fazendeiros não excitaram em desapropriarem os colonos das suas terras já em processo de produção. Desta maneira os colonos eram obrigados a abandonar suas terras e adentrar mais ainda a mata, continuando em confronto com os indígenas e ampliando as fronteiras “caipira”. Diante esta situação, o “caipira” não chegava a construir residências mais abastadas, propriedades mais organizadas, sabia que de uma hora para outra teriam de abandonar sua roça e adentrar mais ainda a mata. Quem pode nos dar uma compreensão melhor do “caipira paulista” é Carlos Rodrigues Brandão em “Os Caipiras de São Paulo”:

“Expulso de uma coisa e da outra, não são parte reconhecida da nação dos senhores e não são, como outros sujeitos dominados da província...”; “...por toda a Província de São Paulo, o caipira sucedia o bandeirante e precedia o senhor de terras”; “Os caipiras, mesmo não sendo nunca percebidos através do seu trabalho com a terra, são trabalhadores da terra...”; “Cativos da terra, sem serem escravos dos senhores de terra, estão, por isso mesmo, mais afastados de sua cultura civilizadora do que os próprios índios *catequizados*, ou do que os próprios escravos *civilizados*”. (BRANDÃO – 1983, p. 20)

Com o final da monarquia e o nascimento da república, nós brasileiros pudemos assumir nossa condição nacional sem as fortes amarras da colonização europeia. Neste momento, imigrantes europeus, de diversas nacionalidades, inclusive portugueses, chegam a esta região para somarem à cultura já existente.

“Há um momento em que os índios - “os bugres”, no dizer do caipira - estão mortos ou empurrados para longe, para outras províncias de uma república nascente.” ; “Entre os anos do fim do século passado, sobretudo, os do começo deste, alguns estudiosos da cultura paulista descobriram que o estado tinha como tipos o “caipira” e o “caicara”, que é o caipira do litoral. Foi então que ele deixou de ser “uma gente” miserável de cultura invisível e se tornou o agente da cultura popular do estado. Visível, ele emergiu a objeto de estudo. Tinha virtudes, falava, usava um dialeto que era, na verdade, o porão da fala de todos. De índios e jesuítas teria aprendido cantos e dança. Criou as suas. Era enfim uma cultura a que alguns pesquisadores deram o nome de “cultura caipira””, (BRANDÃO – 1983, p.23)





**2. As “Folias de reis”, no município de José Bonifácio, na região noroeste paulista, no início do século XX**

Com os dados recolhidos nas pesquisas bibliográfica e de campo, contendo entrevistas dadas por senhores, testemunhas das décadas de 40 e 30 do século XX, na região do município de José Bonifácio, e conhecedores de histórias mais antigas ainda, foi permitido apurar e apontar algumas características das “Folias de Reis”, desta região, comparando com características de “Folias de Reis” de outras regiões do país.

No início do século XX, quando os estudiosos começavam a reconhecer a cultura caipira paulista, os hábitos culturais do caipira, inclusive as “Folias de Reis”, já estavam instituídas no município de José Bonifácio, no noroeste do estado de São Paulo. Os participantes das folias denominavam-se “foliões”, só participavam homens e eram camponeses devotos de Santos Reis. Entre 25 de dezembro e 06 de janeiro, num período de “vagante” (quando a lida no campo torna-se branda), saíam em cortejos, que denominavam saídas de bandeira, visitando as casas dos sítios e das fazendas da região.

As “Folias de Reis” eram compostas de um bandeireiro, dois palhaços e um grupo de músicos cantores dispostos em duas fileiras. O Bandeireiro vinha a

frente da folia portando a bandeira, na chegada em cada casa. Era ele que tinha a função de passar a bandeira ao dono da casa. Também tinha a função de anotar e recolher as oferendas dadas pelos devotos (dinheiro, novilha, porcos, galinhas, entre outras prendas). Estas prendas eram destinadas para a realização da “Festa de Reis” em 06 de janeiro. No final de cada visita, o Bandeireiro recebia a bandeira das mãos do dono da casa (também chamado de patrão), para depois o cortejo seguir viagem.

Os palhaços eram chamados de Coronel e Capitão. O Coronel sempre era o palhaço mais experiente e conhecia melhor os procedimentos dos palhaços dentro da estrutura ritualística da folia. Eram eles quem dinamizavam a movimentação do cortejo, dançavam, faziam acrobacias, jogos dramáticos cômicos, improvisos de versos e conversavam diretamente com o dono da casa. Um bom palhaço, no relacionamento com o dono da casa, era aquele que, no diálogo, levava o dono da casa a fornecer dados do tema que seria improvisado pelos músicos. Os palhaços também eram responsáveis pelo deslocamento das duas fileiras de músicos. Quando não estavam fazendo estripulias na frente do cortejo, logo após a bandeira, se colocavam a frente das duas fileiras de músicos, de maneira que passavam a integrar-se as fileiras, sendo cada um deles o primeiro membro de cada fileira. Desta maneira





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

realizavam dinâmicas de movimentação das duas fileiras, formando coreografias, deslocando-se pelo espaço seguidos dos músicos em fila indiana.

Os músicos se dispunham em duas fileira sendo eles Mestre, Contra-Mestre, Contrato, quarta, quinta e sexta voz. podendo apresentar outras vozes e outros músicos. Na disposição das fileiras, o Mestre era o primeiro da fileira da esquerda e o Contra-Mestre o primeiro da fileira da direita. sendo o Mestre seguido da sexta e quinta voz e o Contra-Mestre do Contrato e quarta voz. Os outros músicos que participavam do cortejo acompanhavam integrando-se no final das duas fileiras. As músicas eram de cunho popular dentro do contexto cultural que estavam inseridas, ou seja, a música caipira de viola. Os instrumentos utilizados pelo Mestre e Contra-Mestre eram a viola caipira e o violão, podendo outros músicos do cortejo também tocarem estes instrumentos. A caixa (surdo/bumbo) e o pandeiro eram os instrumentos rítmicos mais frequentes. Podiam ainda apresentar banjo, cavaquinho, rabeca, violino, flauta transversal e outros instrumentos musicais, dependendo muito das possibilidades de instrumentistas no grupo.

Nas saídas de bandeira, os foliões ficavam dias fora de casa, dormindo nas fazendas que os abrigavam. Os almoços e os jantares, também eram servidos pelos devotos das casas que visitavam, previa-

mente combinado. Para isso, trassavam um trajeto, que os possibilitava calcular o dia em que terminariam a saída, as casas visitadas, os pontos de pousada e refeições, combinando com a visita da última casa (onde realizariam a festa de dia de reis), com o dia 06 de janeiro. Nas festas de dia de reis, a casa que receberia a “Folia de Reis”, ou seja, onde a festa seria realizada, pelo caminho que a “Folia de Reis” passaria até a entrada da casa, montava três arcos de bambu, enfeitados com flores de papel. Em cada um destes arcos a folia parava e realizava cantos e repentes de cunho religioso.

### *3. A influência da transformação socioeconômica e do sistema de produção, nas “Folias de Reis”, do município de José Bonifácio, na região noroeste paulista*

A fundação de José Bonifácio, município da Região Noroeste Paulista, data de 1906. Os camponeses caipiras desta época na região já possuíam suas propriedades rurais e direitos políticos, não necessitando abandonar suas casas nem entrar em luta armada contra indígenas. Muitos já possuíam casas de alvenaria, constituíam um núcleo produtivo em torno de suas casas, composto por paiol, horta, pomares, tulha, terreirão de secagem de grãos, além das roças de café, milho e arroz, entre outras. Já tinham a catira como dança típica caipira, suas festas juninas, sua formação de bailes, suas músicas de viola, seus violeiros e suas





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Folias de Reis. A divisão de trabalho era dentro da família e já estava nitidamente dividida, as obrigações eram designadas por sexo e idade (homem, mulher, criança, jovem e adulto). Seu sistema de produção de subsistência familiar estava ligado ao ciclo da terra, produzindo períodos de picos de trabalho na lida, alternados por períodos de menos exigências na lida, denominados “vagante” (quando a lida no campo torna-se branda – como já dissemos).

Nesta estrutura sócio-econômica e sistema de produção da época, as folias podiam realizar os cortejos no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro, quando ocorria uma pequena “vagante”, possibilitando ao devoto se ausentar do trabalho.

No processo de transformação sócio-econômica e do sistema de produção no município de José Bonifácio, observaremos que o êxodo rural é crescente a cada década do século XX. No final da década de 60 e início da de 70, algumas propriedades rurais já apresentam aparelho televisor, levando os valores urbanos para dentro das casas. A produção das indústrias fonográficas, neste período, privilegiam valores e ritmos musicais de outras regiões culturais, até mesmo do exterior, trazidas pelas ondas dos rádios, produzindo uma desvalorização da música caipira. Outros proprietários de pequenas propriedades rurais, passam a

residir na cidade e viajam todos os dias ao sítio, contratam auxiliares e não mais desempenham uma produção familiar de subsistência. Com a valorização do ensino, os filhos e netos dos antigos camponeses, passam a não mais objetivar o trabalho da lida no campo e dão preferência aos empregos urbanos, comércio, indústria, escritório, profissões de nível superior e cargos públicos. Chegam a dar preferência a construção civil e outros trabalhos braçais urbanos, e preferem residir na cidade do que no campo.

Na segunda metade da década de 70, o êxodo rural se agrava. Me deparei com os dados, que apontam os fatores que impulsionaram o agravamento no êxodo rural, quando diante da dificuldade de localizar propriedades rurais, que cultivassem o café, para realizar os estudos do mestrado em artes, procurei a Casa da Lavoura de José Bonifácio e recebi a seguinte informação do Engenheiro Agrônomo da CAT, Rui Aparecido Darim:

- em 1975, houve uma queda significativa do preço do café no mercado.
- Nos anos de 75, 77, 79 e 81, ocorreu o fenômeno climático conhecido como “veranico” (seca prolongada fora de época), o que prejudicou em muito a produção do café e outras culturas como arroz e milho.





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

- Os produtores rurais passaram a privilegiarem a criação de gado (leiteiro e de corte) e outras culturas, como a seringueira.

Na primeira década do século XXI, encontramos o sistema sócio-econômico e de produção no município de José Bonifácio transformado, se compararmos com a primeira década do século anterior. Dificilmente se encontrará uma família camponesa que mantenha os hábitos culturais iguais aos antigos camponeses do município, quando a “cultura caipira” foi reconhecida como cultura e o “caipira” como seu típico representante. Os proprietários rurais, em sua grande maioria, residem na zona urbana. Todas as casas possuem televisão, seja na cidade ou no campo. A produção agrícola já possui outras características. Os canaviais se espalham por toda a zona rural do município, fornecendo matéria prima para usinas de álcool de municípios vizinhos.

Dentro deste novo sistema sócio-econômico e de produção, não mais de produção familiar de subsistência camponesa, a manifestação popular das antigas “Folias de Reis” encontram dificuldade de se manterem. Quando seria o tempo de “vagante” no campo, entre 25 de dezembro e 06 de janeiro, permitindo aos devotos realizarem as saídas de bandeira, os mesmos estão trabalhando no comércio, indústria, serviços públicos,

construção civil e outros empregos que os impossibilitam ausentarem-se do serviço para a manifestação de fé aos Santos Reis. A zona rural já não se encontra mais habitada por famílias, pequenos ou grandes produtores agrícolas, que abriguem as folias em seus cortejos. A música caipira de viola já não possui tantos adeptos e o número de devotos com habilidades musicais já é restrito.

No entanto, os devotos de Santos Reis não abandonaram as saídas, realizando-as em períodos diferentes e de preferência aos finais de semana. Saídas que duram apenas um dia ou visitas em apenas uma casa no dia. Quando se dão nos finais de semana costumam durar o dia todo, já nos dias úteis, quando estão trabalhando, são realizadas a noite. Almoços e jantares ainda são servidos pelos devotos, mas já não há pousos. As “festas de Reis”, que estavam deixando de serem realizadas, também ocorrem, mas nem sempre no dia 06 de janeiro, “Dia de Reis”, uma vez que este dia caia no meio da semana, transferem a festa para o final de semana anterior ou posterior ao dia santo. Outra característica das “Festas de Reis” atuais é não ocorrerem em casas, mas sim nas igrejas, com celebração de missa, apresentação das folias, reza de terço, apresentação de violeiros e repentistas de trovas.

Mas, um dado importante que nos chama a atenção é que devido a vi-





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

são pejorativa dada aos termos “Folia” e “Folião”, preferem se denominar “Companhias de Reis” e “Membros”.

Observando o resultado da influência do processo de transformação sócio-econômica e do sistema de produção no município de José Bonifácio, na Região Noroeste Paulista, nas “Folias de Reis”, podemos afirmar que: no início do século XXI, as “Companhias de Reis” possuem as estruturas ritualísticas religiosas das antigas “Folias de Reis”, no entanto, são desempenhadas em uma outra estrutura social, descaracterizando a definição de “Folias de Reis”, de Guilherme Porto, como cortejos de caráter religioso popular realizados no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro, como antes se realizava na região no início do século XX.

#### *4. Encontros de Companhias de Reis, no município de José Bonifácio, na região noroeste paulista, como resistência cultural*

O início dos “Encontros de Companhias de Reis”, em José Bonifácio, se deu na década de 80, de forma singela e sem muita pretensão. Havia na praça central da cidade um sistema de som que tocava músicas enquanto transeuntes passeavam a noite pela praça. Os responsáveis por este sistema de som eram devotos de Santos Reis e resolveram tocar a gravação de uma “Folia de Reis”.

Observando que a música atraía os transeuntes pensaram em realizar uma apresentação de uma “Companhia de Reis” da cidade, na praça central. Diante a boa receptividade da população convidaram outras companhias e contactaram outros municípios mais distantes que possuíam companhias de reis. Em janeiro de 1993, me recorde de participar de um “Encontro de Companhias de Reis de José Bonifácio”, na praça central da cidade, com mais de 17 Companhias de Reis de diferentes municípios.

Os “Encontros de Companhias de Reis” se dão em datas não religiosas seguindo um calendário alternando entre municípios realizadores destes encontros. Na praça da igreja se ergue um palanque; pelas ruas em torno à praça se constrói três arcos de bambu enfeitados de flores de papel crepom, por onde as companhias passarão. As companhias passam pelos arcos, fazem uma breve apresentação no palanque e depois seguem para a igreja para adorarem ao Menino Deus, a Sagrada Família e aos Santos Reis. A adoração ao Menino Jesus é feita por cada companhia a sua maneira: umas vão direto ao menino cantando e ajoelham-se diante dele, depois beijam a bandeira e saem; outras fazem alguma dinâmica de movimentação, adoram o menino e beijam a bandeira; outras ainda fazem outra reverência a bandeira do lado de fora da igreja, após adorarem ao Menino Deus.





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Nas entrevistas recolhidas na pesquisa de campo, pude registrar depoimento de Seu Elídio Florêncio, mestre da “Companhia de Reis Irmãos Florêncio”, de José Bonifácio, que aponta os “Encontro de Companhias de Reis” como momento em que membros de companhias de reis, de diferentes municípios, podem se deparar com o outro, observando suas características de semelhantes e as especificidades de cada um. A partir do depoimento de seu Elidio Florêncio, pude esclarecer algumas inquietações e formular outras perguntas.

Em março de 1969, aos 4 anos de idade, mudei com minha família para o município de José Bonifácio. Neto de camponeses caipiras devotos de Santos Reis, residentes em um município próximo, Cedral, pude testemunhar Folias de Reis na minha infância em visitas aos meus avós. Na esquina de minha casa residia um senhor mestre de Folia de Reis e pude testemunhar atividades desta manifestação popular de fé em José Bonifácio. Na adolescência, final da década de 70 e início da de 80, do século XX, não se ouvia mais falar em Folias de Reis, por mais que elas ainda existissem com uma força de expressão mais modesta. Já não se realizava “Festas de Reis” no município. O clero local ainda não reconhecia plenamente a devoção dos devotos de Santos Reis como manifestação de fé cristã católica. Quando em janeiro de 1993 assisti ao “Encontro de Companhais de Reis de

José Bonifácio”, na praça central, olhei com desconfiança, pois não reconhecia a estrutura das Folias de Reis. Retiradas do contexto em que eram realizadas anteriormente, tendo apoio do governo municipal, e a influência de organizadores não devotos e desinformados, que viam a Folia de Reis como folclore e não uma atividade viva. Tudo me parecia a degeneração da manifestação cultural que eu havia testemunhando na infância.

Quando voltei a ter contato com encontros de companhias de reis, para a pesquisa de campo do mestrado em artes, esta minha visão preconceituosa, quanto a estes eventos, foi esclarecida. A fé dos devotos de Santos Reis se manteve, visto o grande número de devotos que assistem aos encontros de companhias de reis e as atuais festas de reis. Nesta primeira década do século XXI, o clero local assumiu a devoção aos Santos Reis, observando o evangelho de São Mateus. A Igreja da Sagrada Família, no Jardim Carlos Cassetari, em José Bonifácio, hoje é a Igreja da Sagrada Família e Santos Reis, onde o padre local participa das festas de reis, reza missas em intenções aos Santos Reis, e prega está fé entre os fieis. Tal atitude do clero, neste município, não é tão surpreendente, uma vez que o clero local nunca foi radicalmente contra esta manifestação de fé. Não registrei durante toda a minha pesquisa atos do clero local em repreensão as “Folias de Reis”, em toda a história do município, mesmo em





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

épocas quando as folias de reis eram perseguidas pela igreja em outras localidades. Com a realização dos encontros de companhias de reis, pode ser notado um grande número de devotos participantes em doações e realizações comunitárias, que fortaleceria a igreja católica, que vinha perdendo adeptos e participantes em suas atividades. Os devotos de Santos Reis procuraram o clero local para a construção de uma igreja aos Santos Reis e foram convidados a integrar a comunidade da Sagrada Família, transformando-a em Igreja da Sagrada Família e Santos Reis. A ampliação daquela igreja e a finalização de sua construção, muito deve aos devotos de Santos Reis.

Já no primeiro encontro de companhias de reis da Vila de Santa Luzia, no município de José Bonifácio, que participei a fins de estudos do mestrado, e nas andanças com as companhias de reis, registrei depoimentos de membros de companhias de reis descontentes com a aproximação de políticos locais na organização dos encontros, por mais que estes políticos sejam também devotos, temem os interesses políticos a cima da fé aos Santos Reis. Ao mesmo tempo, criticavam a atitude do governo local, que por falta de apoio, dificultava a realização destes encontros na sede do município, onde teriam iniciado, e agora, o município que realizava três encontros de companhias de reis por ano (uma na sede do município, uma na Vila de Santa Luzia

e outra no Patrimônio dos Machados), realiza apenas o da Vila de Santa Luzia, onde são realizadas a maioria das saídas de bandeira no município. Também reclamam de incentivo no transporte das companhias de reis locais para a participação em encontros de companhias de reis em outros municípios, o que enfraquece o movimento de manifestação cultural popular de fé em devoção aos Santos Reis. Estes dados recolhidos em pesquisa de campo apontam que a devoção e organização dos devotos em torno dos encontros de companhias de reis, não é de cunho representativo e sim interpretativo, pois está calcado num fundamento religioso de devoção popular espontânea. Os “Encontros de Companhias de Reis” se tornaram resistência cultural da manifestação popular religiosa “caipira” em devoção aos Santos Reis, uma vez que possibilitou aos devotos se agruparem, fortalecendo a tradição e a manutenção da fé.



### Referências bibliográficas

- BRANDÃO, C.R. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. 1977.
- GOMES, N. P. M. ;PEREIRA, E. A. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Juiz de Fora: EDUF JF/Ministério da Cultura, 1988.
- PORTO, G. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. 1982.

